



AVENÇA

VILA VERDE

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 22654)

VISADO PELA CENSURA

| | | |
|---|--|---|
| PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio | DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva | REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123 — Residência Paroquial de Prado — Braga |
|---|--|---|

Problemas da crise da Lavoura

XXI

- A situação dos Vinhos Verdes
- O plano nacional agrícola
- As contribuições

Escrevemos, no último número, deste jornal, sobre a gravíssima situação dos vinhos verdes. Mas, apesar de termos chamado a atenção da urgência em resolver-se a situação da Comissão de Viticultura, em face da Junta Nacional dos Vinhos e da Federação dos Grémios da Lavoura, clamámos no deserto.

Até quando teremos de esperar uma redenção? Dá-nos a vontade de fazermos como os indianos, sentados no chão, com as pernas entrançadas, resignadamente, à espera da morte por debilidade.

Há dias, um lavrador chamou-nos a atenção para o problema dos vinhos verdes: «Não sabem esses senhores que os vinhos brancos verdes só têm a sua melhor venda até ao Natal; que não há motivo para delongar a sua venda para Janeiro, como se diz, porque não há vinhos brancos verdes em estoque. Se o fizerem, teremos grave prejuízo».

Respondi-lhe que ia lançar esse queixume no jornal. Mas que querem... estas coisas não andam acertadas? Deixem-se de delongas, de comissões e mais comissões, de taxas e mais taxas... e quem sabe se de tachas e mais tachos. Resolvam as entidades superiores. A crise do nosso meio rural é muito mais grave do que se supõe. O povo não suporta mais esta «miséria imerecida».

Precisamos da intervenção da Junta Nacional dos Vinhos, sem que desapareça a Comissão de Viticultura, depois de purificada e

com a intervenção, mas não absorção da Federação dos Grémios da Lavoura.

Veja-se a acção da Junta Nacional dos Vinhos na Campanha de 1962 a 1963. Recebeu 478.500 pipas. Para o Ultramar enviou, não contando com o vinho remetido pela manutenção militar, cerca de 200 mil pipas, e para o estrangeiro cerca de 30 mil pipas.

Financiou a manufactura dos vinhos; estabeleceu o seu preço mínimo, armazem, comprando grande parte da colheita, e ainda financiou vinhos guardados pelos produtores.

E' exactamente isso de que precisamos nos vinhos verdes; financiamento, estabelecimento do preço mínimo, compensador; queima dos vinhos mais fracos.

Sejam Comissão de Viticultura, Cooperativa, ou Corparativismo ou Junta Nacional dos Vinhos, tudo

aceitamos resignadamente; queremos obras e não teorias ou palavriado.

Dizem-nos que a França tem vinhos mais fracos e uma produção quase metade dos anos anteriores. A Grécia e a Itália também separam produções mais fracas em grau e em produção. A Alemanha e a Espanha, pelo contrário acompanharam-nos numa extraordinária abundância e qualidade.

(Continua na 4.ª página)

Sociedade

Partiu para Coimbra, onde frequenta o segundo ano de Direito, o distinto estudante José Manuel de Brito Bacelar Alves, filho dos nossos prezados assinantes senhores D. Rute Rebelo de Brito Bacelar Alves e Mário Bacelar Alves, que passou aqui alguns dias de férias.

CORTEJO DE OFERENDAS para o Novo Hospital

Está definitivamente marcado o dia 6 de Janeiro para o Cortejo de Oferendas do Concelho de Vila Verde, a favor da construção do seu Novo Hospital.

Nenhum vilaverdense consciente da sua fé cristã e do seu espírito de bairrismo poderá apresentar uma razão aceitável para não concorrer.

Todos devem dar generosamente, conforme as suas posses.

Desde que foi fundado o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, o povo bom, cristão e bairrista, do Concelho de Vila Verde nunca deixou de corresponder generosamente com donativos para o seu Hospital.

Deu ao país inteiros exemplos inesquecíveis nesses grandiosos cortejos de Oferendas, numa generosidade digna de todos os louvores.

Só assim foi possível fazer uma assistência, numa casa pobre e com péssimas condições, das melhores efectuadas em todos os Hospitais rurais.

E' verdade também, graças a uma equipa excepcional de dedicação e conhecimentos, de médicos e de enfermagem.

(Continua na 4.ª página)

FESTA DE HOMENAGEM

ao Eng.º Manuel Ferraz Machado Pereira Lima

Concluiu há dias a sua formatura na Faculdade de Engenharia da Universidade de Lisboa o nosso prezado amigo senhor Manuel Ferraz Machado Pereira Lima, filho ilustre desta terra de Santa Maria de Prado.

Um grupo de conterrâneos amigos e alguns condiscipulos e colegas da escola do nôvel Engenheiro não quiseram deixar passar esta oportunidade sem lhe prestar uma significativa homenagem de que é bem digno, dadas as suas qualidades morais, intelectuais e de inteligência de que é possuidor, aliadas ao mesmo tempo a uma renúncia de quaisquer laivos de vaidade que muita simpatia e estima lhe grangearam nesta Vila onde é muito querido e estimado.

Assim, no passado dia 9 do corrente na Casa Couto em Prado, foi-lhe oferecido um jantar de homenagem e de congratulação pela sua formatura o qual reuniu à sua volta cerca de 40 amigos e que decorreu num ambiente de franca camaraderagem e de alegria. Antes dos brindes foram lidos telegramas de saudação

enviados por pessoas que não puderam estar presentes, que ao serem ouvidos ler foram sublinhados por muitas salvas de palmas.

(Continua na 4.ª página)



Engenheiro Manuel Ferraz Machado Pereira Lima

Obrigado, Senhor Presidente!

Num destes primeiros dias de Novembro, tempestuoso e de chuva diluviana, vindo eu do lugar da Ponte para minha casa, tive de, como quase diariamente o faço, utilizar o caminho público que partindo da estrada nacional, ao Bastos, vai ter ao centro do lugar do Portêlo onde vivo.

E ao percorrê-lo à mente me surgiu a lembrança dos longos anos em que o calcorreei no estado de um verdadeiro lamaçal e em que era necessário grandes qualidades de equilíbrio para saltar de pedra em pedra, lá colocadas por pessoas bondosas e também necessitadas, e, assim, chegar ao lugar, a não ser que preferisse dar uma

longa volta com cerca de quase um quilómetro de extensão.

Também me veio à lembrança os anos de luta para conseguir que quem de direito o mandasse concertar, tornando-o transitável. Mas, não obstante continua, mas falazes, promessas de o mandarem concertar, o tempo ia passando e a sua utilização, no inverno, era quase impossível.

Ano passado, porém, pedi ao actual presidente da Câmara e meu particular amigo, senhor Adérito Barreto, a fineza de mandar verificar o estado desse caminho para se certificar da verdade e justiça do meu pedido, o que Sua Ex.ª fez e

(Continua na 4.ª página)

PRESENÇA DE PORTUGAL

Após a sua triunfal presença em terras portuguesas do Ultramar africano, o Senhor Presidente da República chegou a Lisboa — capital e coração do Império. Não foi uma viagem de rotina, uma viagem semelhante a tantas outras mais ou menos postas em evidência conforme a personalidade, mais ou menos responsável, que a realiza. Não, esta viagem pelas características próprias de que se revestiu, pelo seu idealismo e até pelo misticismo de que se envolveu, tem um significado que transcende o sentido protocolar, diremos mesmo de rotina de tantas outras. Esta transcendência sentiu-a o povo português, branco, negro ou mestiço, sem distinção de raças, porque nunca a raça separou os portugueses ou criou qualquer obstáculo à criação e expansão da portugalidade.

O Senhor Almirante Américo Tomás é hoje por direito próprio e sem qualquer favor, abstraindo mesmo das altíssimas funções que tão patrioticamente desempenha o primeiro "Homem Bom" de Portugal e está na linha direita da nossa tradição histórica. Demonstrou-o sem qualquer sombras de dúvida o sentimento (e devoção) com que o povo português de portuguesíssima Angola o recebeu, o vitorioso e lhe demonstrou categoricamente a vontade firme e decidida de permanecer português, tal como nasceu e cresceu.

O facto indiscutível, tão indiscutível que até os mais despuddorados inimigos da Pátria se vêm em dificuldades para iludir ou negar, que a presença do Chefe em terras portuguesas de África veio evidenciar foi este: a Nação Portuguesa não renegou o destino que Deus lhe marcou, antes, e muito ao contrário, continua consciente da sua missão histórica e das responsabilidades que esta missão impõe a todos os portugueses: velar em todos os momentos pela integridade da Pátria e da sua vocação civilizadora. Portugal foi chamado por Deus para civilizar, para cristianizar, para o heroísmo e para o martírio. Nação apostólica por excelência foi sempre fiel ao chamamento e por esta extraordinária circunstância o povo português não regista ao longo da sua história qualquer acto de apostasia colectiva nem tão pouco qualquer tragédia semelhante àquelas que ensombraram ao longo dos séculos tantos outros povos. Somos por voca-

ção um povo missionário, criador de outros povos, pregador da civilização cristã e por ela derramamos generosamente o nosso sangue contra a barbárie, sua inimiga tradicional. Esta vocação está de tal modo enraizada e consubstanciada com a nossa natureza que tral-la seria o mesmo que trairmo-nos a nós próprios, deixarmos de ser o que verdadeiramente somos: portugueses.

Foi esta maneira de ser do português que ficou claramente demonstrada com a presença do corpo e alma do Senhor Presidente da República nas terras portuguesas de Angola. O mundo nosso adversário poderá continuar com os seus ataques contra a existência, integridade e natureza de Portugal, o que não poderá de ora avante é negar a nossa maneira de ser, o portuguêsismo das nossas populações de Angola, Moçambique, Guiné, Cebo Verde, S. Tomé e Príncipe, de Timor. Até o próprio Pandita Nehru já se viu obrigado a proclamar publicamente que as nossas populações do martirizado Estado Português da Índia, são populações que se diferenciam de todas as outras do subcontinente indiano, que têm um modo peculiar de pensar, de agir, de sentir e de viver perfeitamente distinto do caos nihilista indiano. Falto-lhe a coragem de chamar às coisas pelo seu nome próprio porque se a tivesse tido, teria dito que os goeses são portugueses violentamente sacrificados e alagados a um feroz imperialismo alagado sob o nome de libertação que é o termo usado para o estado de escravatura imposta aos mais fracos pelo2 modernos colonialistas.

Branco, negro e mestiço, todos portugueses, unidos pelos mesmos ideais e aspirações, pelo mesmo patriotismo e desejo de continuarem a ser portugueses, demonstraram no seu entusiasmo e na sua espontaneidade quanto amam Portugal. Na pessoa do Senhor Almirante Américo Tomás, Angola proclamou para todo o mundo, embora fechasse este os olhos e os ouvidos à realidade que é portuguesa e que não está disposta a deixar de ser o que é.

Foi esta consoladora verdade que o Senhor Presidente da República mostrou ao mundo inteiro, e mostrou-o da forma mais categórica. Angola honrou o Chefe e honrou Portugal.

Augusto Gonçalves

Um bom amigo que nos deixou

Pelo motivo de ter sido colocado na Direcção de Finanças no Porto, deixou de ter residência fixa nesta Vila este nosso prezado amigo e conterrâneo, senhor Augusto Gomes Gonçalves.

Foi com a maior saudade que

todos os seus bons amigos o viram partir do nosso alegre convívio onde era estimado e tinha as maiores simpatias. E' que realmente pessoas destas aparecem poucas, e quando são poucas fazem sempre falta no meio em que vivem. Apesar da sua posição já de certo destaque na carreira que escolheu, ele não conhecia a vaidade. Com todos sabia viver e a todos sabia tratar com afecto e simpatia. Todas as pessoas que com ele falavam pela primeira vez, logo viam nele um futuro amigo. A' noite, depois de regressar da repartição, todos os dias se reunia em alegre convívio com os seus amigos na "Tertúlia da Princesinha", dando sempre prazer em escutá-lo e conversar com ele. A sua "piada fina e o seu sentido crítico-humorístico, criavam sempre a hilaridade em todos os que a ouviam, ajudando a passar as noites em que as horas passam sem se dar por isso. Muitas foram as "Patentes que registou, de ditos espirituosos que ainda hoje correm e correrão sempre de boca. Presidente durante alguns anos da Conferência de S. Vicente de Paulo. Augusto Gonçalves, foi

(Continua na 4.ª página)

PREÇO DA ENERGIA eléctrica

Já vai longe o tempo em que um rei sábio e prudente, admitindo a possibilidade de erros e desmandos, mandou colocar uma caixa para receber as reclamações justas dos seus súbditos.

Hoje as reclamações mesmo justas e construtivas são por vezes mal recebidas e por vezes evitadas com a ceusura ou a polícia e acocima-se o jornal de vingativo e malcriada e confunde-se a personalidade de quem escreveu desassombadamente, com belicosidade. E' por isso que há tanta crise de homens de uma só cara e de uma só fé, que que assumam a responsabilidade dos seus actos em todas as circunstâncias da vida.

E' por isso que abundam os homens acomodaticios sem honestidade e sem honra, sempre prontos a colocar-se ao lado do mais forte, sempre prontos a confundir a verdade com a mentira, o justo com o injusto. Norteiam-se pelo lema de cobardia. «Viver não custa o que custa é saber viver».

Se alguém e algum dia pensou que «O Vilaverdense», podia esquecer-se dos interesses da sua terra e do seu concelho, para viver de bem com todos, enganava-se. Puzemos a amizade a todos mas o nosso dever e o interesse da nossa terra acima de tudo.

Nesta ordem de ideias temos de apliar mais uma vez para o Sr. Presidente da Câmara, para que nos diga, até quando temos de aguen-

tar o preço proibitivo da energia eléctrica em escalão.

E' que estamos em mais um inverno sobre nós e o povo de Vila Verde não pode utilizar um aquecedora, ou qualquer aparelhagem eléctrica, que torna a vida moderna, cómoda e agradável. Há uma infinidade de coisas que o povo de Vila Verde não pode utilizar, e, por isso, se sente em condições de inferioridade em comparação com o povo de outros concelhos vizinhos.

Haveria razão para este estado de coisas?

Custa a crer que os haja, mas se os há «O Vilaverdense» está à disposição do sr. Presidente da Câmara para publicar essa razão, pois é preciso não esquecer que o concelho está sendo muito prejudicado com as actuais e antiquíssimas tarifas. — *Nobre Povo*

Animais — Aves — RAÇÕES

Preparam-se os juntandos cereais ou resíduos «CALCIO mais VITAMINAS E ANTI BIÓTICOS», (Mais economia e eficiência).

Laboratório da Farmácia Pinho Guia - (Leiria)

Fábrica de Bordados Regionais

DE

Maria Helena Dantas

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.

Jogos de americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé. e bordados regionais
LUGAR DA PONTE — Prado Telef 92147 BRAGA

Vila Verde e limítrofes, viveiro de Alta nobreza (3)

Volto a falar em Amares para acrescentar o seguinte:

Fica em Amares a histórica Casa de Castro, vivenda medieval de Grandes Senhores, uma das melhores do Minho, donde saíram muitas famílias ilustres que se ligaram por casamento às mais altas estirpes de todo o País. E' a Casa da Tapada que alguns escritores dizem não ser a mesma de Castro. Este velho solar, foi reedificado no século XVI, por Francisco Sá de Miranda, que conservou as suas linhas medievais.

D. Joana de Azevedo, viúva de Francisco Machado, instituiu o morgado de Castro que vinculou à capela de Santa Margarida, fundada na Igreja de Carraredo.

A Casa da Tapada, pelos brasões de armas que possui, vê-se que ali estão ligadas muitas famílias da mais alta nobreza da Península. Na capela existem dois brasões nos altares laterais, compostos de várias famílias. Na fonte, no jardim e na casa, existem brasões também.

Dali também saíram os Machados que deram origem aos de Guimarães, família das mais ilustres desta cidade, cujo solar fica no centro da mesma, com grande brasão de armas composto de Lobos, Machados e outros.

Os Lagos, tiveram também a sua origem em Amares.

A honra de Lago constava de uma grande quinta com uma Torre de habitações e um lago. Ficava defronte

do Couto de Palmeira que era dos ascendentes dos Pereiras, ramo da mesma linhagem. Os Lagos tiveram diversas origens, pelo que nem todos pertenceram à mesma linhagem dos Pereiras. Estes Pereiras do grande couto de Palmeira, eram ascendentes do grande e poderoso arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pimentel Pereira, que fortificou a cidade de Braga, filho de D. Gonçalo Gonçalves de Pereira, rico homem e de sua esposa D. Urraca Vasques Pimentel. Estes eram ascendentes de D. Nuno Alvares Pereira (herói e Santo).

Os Barbosas, tiveram na comarca de Vila Verde, vários solares. Eram de fina linhagem e ligaram-se por casamento à família real portuguesa. Os Barbosas tiveram na sua família dois Santos que foram levados às honras dos altares. No n.º 1.º, já me referi a estes Santos que também estão ligados a outras famílias.

São els: S. Rosendo e Santa Ilduara, sua mãe. A esta Santa, apareceu-lhe o Anjo S. Miguel, quando estava a rezar com fervor numa igreja de Santo Tirso, dizendo-lhe Deus tinha ouvido as suas orações. Todos os filhos lhe morriam em pequenos e o Anjo disse-lhe que ela iria ter filhos que não morreriam e entre eles um que iria ser grande aos olhos de Deus e do mundo.

(Continua)

Uma vilaverdense

FUTEBOL Vila de Prado

Domingo, 10 de Novembro

Em Fafe, Fafe, 4 — Prado, 0

Numa saída difícil, o Desportivo foi derrotado, por margem que não significa a diferença de valores técnicos que o resultado mostra. Foi, para Prado, uma tarde má em que não se jogou eguale futebol que se está habituado a ver, enquanto que o adversário, se esforçou muito, apesar disso, para conseguir uma vitória vantajosa. Ao intervalo era de 2-0 o resultado, e o público da Vila de Fafe não se mostrava seguro então. No segundo tempo da partida, o adversário voltou a marcar mais 2 golos que levaram o total a 4. Salientou-se nessa defesa e média, estes recuados, não tendo a linha dianteira, usado os seus conhecimentos e esforços.

Domingo, 17 de Novembro

Em Prado, Prado, 3 — Tadim, 0

Afigurava-se muito difícil o jogo com o Tadim. Embora quase todos os adversários se mostrassem confiantes nos rapazes. Esse Clube, vindo da 2ª Divisão Regional de que foi campeão na época finda, apenas conseguiu um empate na sua casa, frente ao Desportivo de Monção e só tem 1 ponto, o que lhe vale figurar em último lugar na classificação. De resto, vinha esperando que, contra o Desportivo de Prado, embora em terreno alheio, conseguiria alcançar uma vitória ou um empate, tratando-se dum Clube igualmente novo na Divisão maior Regional. Lançaram-se abertamente ao ataque, mas depressa quebraram o seu intento, depois de repararem na defesa intransponível do adversário e mudarem de tática: chegaram a estar 6 dos seus homens na defesa e o nível técnico foi baixo, desta forma. O meio tempo surgiu com ambos os grupos empatos 0-0. No fim segunda meia-parte, o nosso brioso Desportivo, por meios dos seus "moços", conscientes suas possibilidades, menosprezando a forma nada desportiva como o adversário se "fazia à bola", tentaram, por todos os modos, fazer passar a esférico pelo meio de tantas pernas que se aglomeravam na área do adversário, até que, dum toque de ângulo difficilimo e quase impossível de deixar antever um bom desfecho, resultou o primeiro golo. A bola foi rematada com mais jeito que força, iludiu o guarda adversário, e por efeito que levava entrou inesperadamente na baliza, passando junto do defensor das malhas, do grupo contrário, sem que este pudesse de surpresa, evitar o desaire. O segundo golo resultou dum grande penalidade, muito bem marcada por Carvalho e o terceiro surgiu dum remate à queimada fortissimo, de Ribeirinho. Julgo oportuno salientar que este atleta tem demonstrado, no decorrer deste campeonato altas qualidades de extremo esquadro: finta bem e é ligeiro. Simplesmente lhe falta a rapidez no despacho da bola e o destemor de disputar a bola com o adversário de igual para igual. Estamos confiantes de que este rapaz, nascido na terra que deu o nome ao Clube, rectifique o o seu procedimento e, então, todos terão de assentir no seu grande valor. Sem correção, nada feito... e à perfeição é que se deve aspirar e não deixarmos ficar detidos sobre os erros que nos apontam.

O tempo, neste época, tem sido um inimigo impossível de evitar às bilheteiras e todos os jogos em casa tem estado muito abaixo do normal e do que é necessário para se equilibrarem as inúmeras despesas que a empresa ocasinosa. Todos os jogos se têm feito de baixo de mau tempo e esperamos, que bons dias venham para compensar, isto dito pelo desportista que de há tempos vem dando notícias, para bem da terra de Prado, do seu Clube e para a Direcção que o representa.

Um desportista

Aniversário Centenário

De Maria Joaquina Martins, conheida por Tamanqueira

LANHAS, 15 de Novembro — Completa 100 anos de existência no dia 24 de Novembro do corrente ano, pois nascera nesta freguesia de Lanhas no dia 24 de Novembro de 1863. Tendo contraído matrimónio, teve novo filhos, são vivos somente dois dos mais novos. E' viúva há 48 anos. Tem 12 netos e 21 bisnetos.

Toda a família, amigos e vizinhos vão promover uma festa íntima, constando de uma missa em acção de graças à Senhora do Sameiro, celebrada na igreja paroquial desta freguesia, e de um almoço na casa da sua residência, no lugar das lages. A todos estes actos tenciona estar presente, comungando e rezando ao Senhor por lhe ter conservado a vida durante estes longos anos.

E' de esperar que todo o povo da freguesia a vá visitar, felicitando-a por ter atingido o 100.º ano da sua existência.

Que continue a viver por muitos anos, é o nosso maior desejo.—C.

Há um mês que a chuva cai inelmente. O rio Cávado tem registado sucessivas cheias que têm causado enormes estragos. A represa da Companhia Fabril do Cávado arrebitou e o rio tenta arrasar a Veiga de Cabanelas havendo já um prejuizo de centenas de contos. As águas levam tudo à sua frente: árvores, terras, etc, de tal maneira que o rio passou a ter mais 32 metros de largo. E' coisa nunca vista.

— As obras da Igreja Nova continuam com grande entusiasmo. Presentemente pretende-se levar toda a obra de pedreiro ao fim.

— As «questões políticas» cá da terra estão a agravar-se de dia para dia, mas agora por conta e risco de quem devia ter a cabecinha no seu lugar.

Quando os «politiqueiros baratos» conseguem intrujar as ALTAS ES-

FERAS — ou o que se lhe queira chamar — os problemas mudam de figura.

A «bomba» que eles prometiam continua a estoirar... Onde vão bater os estilhaços?

— A fonte de Francelos está a sofrer notável remodelação. Vai deixar de ser um bebedeiro comum de homens e animais para ser uma fonte de água potável, puxada a bomba, ao serviço do bem comum.

— No salão paroquial estiveram, na passada sexta-feira, cerca de 100 professores e professoras primárias a tratar assuntos referentes à educação religiosa das crianças.

— No dia 15 do corrente faleceu, com 78 anos de idade, Constância Gomes de Macedo do lugar da Ponte, e no dia 19 do mesmo mês, Maria Joaquina da Costa Macedo, de 79 anos, do lugar de Francelos. Paz às suas almas.

Pico de Regalados

Sande

No dia 11 do corrente faleceu Laura Peixoto de Amorim que tinha 86 anos de idade irmã do antigo benfeitor desta freguesia, Alberto Peixoto de Amorim que faleceu há anos no Rio de Janeiro. O funeral realizou-se no dia 13 e nele tomou parte grande número de pessoas tanto desta freguesia como das vizinhas.

Do Pico vieram assistir o Sr. Dr. Bernardo de Brito Ferreira, ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde e o Sr. Bernardo dos Santos Fer-

Encontro

com os Agentes de Ensino Primário no Concelho de Vila Verde

No dia 15 e no dia 22 do corrente mês realizaram-se dois ENCONTROS de Professores Primários, respectivamente no Salão Paroquial de Vila Verde e Salão Paroquial de Prado, comparecendo o total de 153 professores animados de entusiasmo e prontos a colaborar a sério na educação cristã da criança.

Num e noutro Encontro esteve presente o Senhor Arcipreste do Concelho, Senhor Gón. Domingos P. da Costa e Silva e presidiu e fez a abertura o Senhor Delegado Escolar, Prof. Ernesto Ferreira.

Os temas fundamentais foram versados pelas ilustres professoras Teresa Ribas e Beatriz Vieira que merecem os nossos mais vivos aplausos pelo grande interesse que dedicam aos assuntos de catequese.

O tema «A missão Cristã do Professor» foi tratado, em Vila Verde, pelo Rev. P.e Manuel Gonçalves Diogo e, em Prado, pelo Rev.º P.e Severino Pereira Fernandes.

Despertou grande interesse este primeiro Encontro e todos saíram entusiasmados a dar lição de Religião e Moral na Escola com mais vida e mais interesse.

Propriedades na freguesia de Sabariz

Vendem-se todas as propriedades pertencentes a António Velloso, ausente no Brasil.

Informa e aceita propostas o Dr. Martins Aires em Vila Verde.

Salazar tem razão!

Há muito sobre nos o Mundo atíça
Um ódio imenso! Assim martirizado,
Portugal se defende da cubiça
De todo o Mundo contra nós ligado!

Estamos sós! Mas o País tem dado
Tudo o que a Pátria pede com justiça!
O português é nobre, Deus louvado,
E, pela honra a vida desperdiça.

Irmãmente juntemos nossas mãos...
Nossos esforços não podem ser vão
Dando com a alma tudo o que pudermos!

Salazar diz: — Os mortos não choremos,
Chorai-os sim, se nós, os que vivemos
Para os bem merecer, nada fizermos!...

CRISTINA BÉRENS FREIRE

A COMERCIAL DE PRADO

— DE —

Fernando Duarte Pedroso

Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»
Azelles, Mercearia, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, adubos
e Materiais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL.

Vila Verde

TELEFONE, 92115

PRADO

| Preço anual da Assinatura | |
|----------------------------------|---------|
| Continente | 30\$00 |
| Ultramar e Brasil (via marítima) | 60\$00 |
| » (aérea) | 140\$00 |
| Outras nações (via marítima) | 70\$00 |
| » (via aérea) | 160\$00 |

Problemas da crise da Lavoura

(Continuação da 1.ª página)

O problema dos vinhos é complexo. Em 1958, os maiores exportadores foram — em milhares de hectolitros — a Argélia, 16,157; Espanha, 33,18; Portugal, 2,287; Itália, 2044; Grécia, 3792; França, 1641; Tunísia, 1261; Alemanha, 102; Austria, 8; Suíça, 3. Agora temos um grande concorrente na exportação mundial — a Argentina.

Nesse ano, foi a França o maior importador, com 19.832 milhares de hectolitros, sendo o maior cliente de Portugal.

Quanto ao consumo médio por habitante são: França, 133 litros; Portugal, 89; Itália, 82,5; Espanha, 48; Suíça, 39,1; Grécia, 37; Luxemburgo, 27,5; Bélgica, 10; Alemanha, 7,7; Grão-Bretanha, 1,4; Japão, 0,1.

Vê-se que os portugueses não são dos maiores borrachões; ainda poderiam beber mais umas pingui-nhas, para se aproximarem dos franceses.

Valham a esta pobre Região dos Vinhos Verdes, enquanto é tempo, a ver se conseguimos estabelecer, ao menos, uma situação de confiança.

Tivemos, neste período, uma grata notícia. O senhor Secretário da Agricultura comunicou ao país que os Serviços Técnicos Oficiais estão a elaborar, através de mapas geológicos, um plano de culturas regionais, dentro de moldes científicos.

E' já um grande passo em frente para o progresso da Lavoura Nacional. Precisamos de estudos, de planos e, sobretudo, de realizações imediatas. Não seja caso de se passar o tempo em estudos e planos.

O senhor dr. Cândido Bacelar chama-nos a atenção para o problema do pagamento das contribuições pagas pelos lavradores, que deveriam ser facultadas a pagar durante todo o ano.

Apoiamos a sua sugestão. Vamos escrever um artigo brevemente sobre a situação da Lavoura perante o fisco. Parabéns, senhor doutor, porque foi sempre um paladino da Lavoura. Fizemos ouvidos de mercador; agora vejam a situação em que se encontra.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

Augusto Gonçalves

(Continuação da 1.ª página)

sem dúvida alguma um grande impulsor desta grande obra de caridade que deixou completamente organizada e que hoje estende os seus benefícios a um grande número de pobres desta Vila. Foi mais tarde Presidente do Grupo Desportivo de Prado, onde trabalhou desodadamente para o guiar, por mérito próprio, ao lugar de destaque que ocupa no futebol Concelhio e Distrital. Com a sua presença marcou

Obrigado, Sr. Presidente

(Continuação da 1.ª página)

mandou-o calcetar. É hoje, graças a Deus, já podemos chegar a casa com os sapatos limpos e os pés enxutos. Tudo isto me veio à idea nesse pequeno trajeto de cento e tal metros. Mas também me surgiu à lembrança o Evangelho da última domingo (22.º depois de Pentecostes) em que Jesus Cristo nos dá aquela sublime lição de justiça ao dizer aos discípulos dos farizeus e aos herodinos; — Então dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. É que ser justo é dar a cada um o que lhe pertence. Como homem que sou, portanto imperfeito e, talvez, o mais imperfeito de todos, sabe-o Deus, de muitos pecadinhos e pecados tenho de dar contas no dia da minha libertação. Mas de entre tantos dois há, pelo menos, de que me não acusa a consciência: — o de injusto e o de ser ingrato. Porisso nesse mesmo instante, ao apreciar agradavelmente aquele caminho e lembrando-me do que ele ainda era no inverno passado, tomei perante mim próprio e perante a minha consciência a resolução de publicamente patentear ao senhor Presidente o nosso reconhecimento pelo acto de justiça que prestou a todos os Pradenses e mórmente aos habitantes do lugar do Portêlo. E hoje, em cumprimento dessa resolução e compromisso por mim então tomados, em nome de todos em geral e no meu, em particular, aqui venho testemunhar a Sua Ex.^a o nosso sentido agradecimento e dizer-lhe: — **Obrigado, Senhor Presidente, e que Deus lhe pague; por nós, o bem que nos fez.**

Prado, Novembro de 1963.

Luctolo de Andrade Coelho

Na caminhada do Concílio

Por António de Sá

IV

"Houve um homem, enviado de Deus, chamado João Veio como testemunha para dar testemunho da Luz, a fim de que, por intermédio dele todos acreditassem Ele era, não a Luz, mas apenas sua testemunha." (Jo. 1, 6-8)

E' espantoso ver quão actual e vivo se tornou, neste ambiente de Concílio, o texto que se acaba de representar!

Há parecenças inegáveis entre S. João Baptista, profeta e precursor da nova era que haveria de surgir — o Cristianismo — e S. S. João XXIII, precursor do que já alguém chamou a «segunda era do Cristianismo». Cristianismo de dimensões cósmicas, em que o terreno e o espiritual têm de formar um todo, ainda longínquo, mas já vislumbado pelos grandes espíritos como S. Paulo, Agostinho, etc. e já há cerca de 2000 anos anunciado por Cristo. Cristianismo que tem de penetrar, inflamar os valores humanos e terrenos, carnis e espirituais, eternos e temporais existentes num mundo todo ele em expectativa, com fendas

abertas por onde ele poderá passar e... levedar ou germinar e crescer!...

Paulo, apóstolo do Senhor, seria o Apóstolo por excelência da Doutrina de Cristo. Apóstolo quer dizer escolhido por Deus para ser testemunha sua, ensinando, santificando, governando, isto é, fundando Igrejas, comunidades religiosas tais como Cristo as quer.

S. S. Paulo VI, actual vigário do Senhor Jesus, será, (assim o poderemos esperar), para os primeiros anos dessa segunda grande era do Cristianismo o que S. Paulo foi para o Cristianismo recém-nascido!

* * *

João XXIII, como homem de fé, era um profeta para quem a Igreja, graças ao «novo Pontecostes» que é o Concílio Ecuménico Vaticano II, «florescerá nas suas riquezas interiores e na sua extensão materna em todos os campos da actividade humana... Será novo passo em frente do Reino de Cristo no mundo, reafirmação cada vez mais alta e persuasiva da alegre boa-nova da Redenção, anúncio luminoso da soberania de Deus, da fraternidade humana na caridade, da paz prometida aos homens de boa vontade, em correspondência ao beneplácito celeste.

Podemos, na verdade, considerar o papa João XXIII como um profeta e um precursor.

Profeta da paz. Pregando a paz desejada por Cristo e que é anseio de toda a humanidade com o olhar fixo no futuro. Ele próprio era testemunha da paz. Porque, (assim o confidenciou no seu leito de agonia), fez a vontade de Deus, orando sempre

«pela Igreja, pelas crianças, pelos bispos e sacerdotes, a fim de que eles sejam santos, pelo mundo inteiro». Porque, numa palavra rezava e vivia o Pai nosso!

Profeta da alegria. Por isso fustigava todos aqueles profetas da desgraça que anunciavam sempre o pior, os quais não vêem na sociedade actual senão ruínas e desastres.

S. S. João XXIII agia desse modo, pois bem sabia que o mais necessário, antes de tudo, é fazer um acto de fé, «reconhecendo os misteriosos designios da divina Providência que através dos tempos, atinge o seu fim pelo trabalho dos homens (e quase sempre muito mais do que eles julgam!), e dispõe sábiamente, até das adversidades humanas para o bem da Igreja». É o que nós diríamos neste provérbio português tão cheio de sabedoria e de espírito religioso: «Deus escreve direito por linhas tortas!»

Mas João XXIII foi também um precursor, retrato do autêntico precursor. Daquele que, uma vez lançadas as sementes, traçadas as directrizes, dado o impulso de dinamismo vital, aceita afastar se insensivelmente, humilde e alegremente, para que o fruto nasça, para que a obra cresça. Foi nestas disposições de alma que João XXIII aceitou a visita da «irmã morte corporal».

Eis como se poderia delinear a personalidade deste grande papa: Homem simples, inteligente, que perscrutava a realidade espiritual e histórica com objectividade e prudência — o que lhe permitiu ser um optimista, pois sendo sobretudo homem de caridade e de fé vivas, de coração aberto e olhar atento a todos os valores da humanidade e do mundo, esperava e esperava confiantemente, sem medos, o cumprimento das palavras do Senhor.

(Continua na 2.ª página)

CORTEJO DE Oferendas

(Continuação da 1.ª página)

Tudo isto e a grande região a servir levaram as entidades oficiais, num período bem difícil, e quando outras terras exigiam, a darem prioridade às participações do Estado para a construção do Novo Hospital do Concelho de Vila Verde.

E' um Hospital grandioso, onde os doentes poderão ter o conforto que não têm na velha casa. Ai, pobres, remediados e ricos encontrarão o aconchego necessário na doença.

E' preciso cumprir o que se prometeu. O povo do Concelho de Vila Verde deu a sua palavra de que não faltaria generosamente com o seu quinhão para a construção do Novo Hospital.

Vai a Mesa da Santa Casa e uma Comissão nomeada percorrer o Concelho de Vila Verde, fazendo em diversas regiões reuniões dos párocos, maiores e pessoas de bem, para organizar comissões de trabalho e assentar nos processos de acção.

Escusado será dizer, que todos correrão aos Convites por uma causa tão cristã e tão baírrista.

O próximo dia 6 de Janeiro, dia dos Santos Reis, vai ser a estrela luminosa, trazida pelas mãos dos cristãos vilaverdenses para o seu Hospital.

Festa de Homenagem

(Continuação da 1.ª página)

Aos bríndes falaram depois vários amigos do homenageado, pondo todos eles em realce o motivo da festa e enaltecendo ao mesmo tempo o seu significado íntimo, prestando-lhe todos calorosos elogios pelo que unanimemente foram aplaudidos por todos os que se encontravam presentes.

Finalmente tomou a palavra o homenageado Engenheiro Manuel Lima, que, comovido por tão grandes provas de amizade demonstradas agradeceu, afirmando que em qualquer parte que a sua vida profissional o leve jamais esquecerá tão grandes provas de estima demonstradas e que bem foram sentidas pelo seu coração de Pradense, afirmando que a terra que lhe foi berço e os seus amigos poderiam sempre contar com ele.

Por fim foram tiradas dezenas de fotografias.

«O Vilaverdense» alia-se também a esta festa deste seu amigo e aproveita a oportunidade para o felicitar e desejar-lhe as maiores felicidades.

Repórter Xis

BRASIL

Liceu Literário Português

Transcorreu no dia 10 do findo mês de Setembro, com invulgar brilhantismo, o 95.º aniversário da fundação do Liceu Literário Português educandário quase centenário, que muito orgulha a colónia lusa, e nós os estudantes da comunidade portuguesa do Brasil.

A sessão comemorativa foi dedicada à memória do falecido presidente, comendador José Rainho da Silva Carneiro, um dos maiores portugueses do Brasil, figura de notável actividade criadora, que erigiu o monumento arquitectónico na rua Senador Dantas, Pedrao de ensino e cultura. A's 21,30 horas, o senhor embaixador de Portugal, dr. João Batalha Ramos assumiu a presidência, da mesa ladeada pelos srs. general Deputado Danilo Nunes representando o governo da Guanabara; comendador Evaristo Alves presidente em exercício do Liceu; Cornel Edson Moura Freitas, comandante-geral da Polícia Militar da Guanabara; almirante Washington Perry, presidente do Gabinete Português de Leitura, presidente da Beneficência Portuguesa, Conde das Galveias, representante da Casa de Portugal e representante da Federação das Associações Portuguesas. Aberta a sessão, foi cantado o Hino Nacional Português pelo Orfeão dos alunos do Liceu sobre a regência do maestro

Manuel Guarda, lido o expediente de mensagens e representações das sociedades portuguesas e luso-brasileiras o embaixador deu a palavra ao comendador Evaristo Alves que proferiu importante discurso, no fim do qual fez a entrega do diploma de presidente de honra ao sr. embaixador João de Deus Ramos.

Usaram da palavra diversos oradores, o radiologista brasileiro dr. Vitor Côrtes, o escritor e poeta português Alberto Rebelo de Almeida, prof. Adrião Porto, dr. Pigarro Loureiro, comandante Brás da Silva, que é professor da Escola de Naval, juiz do Tribunal Marítimo e director do Instituto Luso-Brasileiro de Folclore, do Liceu Literário Português.

Em nome do corpo discente do Liceu falou o aluno Fernando de Figueiredo que traçou magistral página sobre o patriarcal da colónia e pai espiritual da família daquela gloriosa e fecunda casa de ensino. O dr. Octacilio Rainho coordenador cultural do Liceu, agradeceu em nome da família, recordando a figura e obra do seu venerado pai.

Encerrada a sessão, o dr. João Ramos congratulou-se com a directoria do Liceu, agradeceu aos presentes ali no salão nobre daquele belo edificio de educação e cultura. O Orfeão do Liceu cantou o Hino Nacional Brasileiro.

(Continua na 2.ª página)

Deus não manda um filho para o fogo!...

Assim se exprimem os que pretendem negar a existência do Inferno. Como? Então Deus iria lançar um filho no fogo? Eu nunca o faria. Seria admissível tal crueldade em Deus, que é Pai de infinita bondade?

Sim, é uma consoladora realidade que todos quantos se encontram em graça são verdadeiramente filhos de Deus: «Vede, exclama S. João, que amor o Pai nos testemunhou: seremos chamados filhos e seremo-lho deveras. (1 Jo. 3, 1).

Todavia, quem peca mortalmente deixa de ser filho de Deus, como se pode deduzir de vários passos da Sagrada Escritura. «Quando Eu estava com eles, dissera Jesus, Eu os guardava em teu nome. Conservai os que me deste; e nenhum deles se perdeu, excepto o filho da per-

dição.» (Jo. 17,12). Judas também foi filho de Deus, mas agora é filho da perdição.

Nma discussão com os Judeus, Jesus respondeu-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que todo o que comete o pecado. Ora, o escravo não fica para sempre na casa, mas o filho fica nela para sempre. «Se Deus fosse vosso Pai, certamente me amariéis, porque Eu sei de Deus e vós não. Porque não podeis ouvir a Minha palavra?... O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso, vós não as ouvis, porque não sois de Deus.» (Jo. 8, 34-47). E Jesus chega a dizer expressamente: «Vós sois filhos do demónio... (Jo. 8, 44).

Bastariam estas claríssimas expressões do Senhor, para nos convencermos de

(Continua na 2.ª página)